REAC Revista Brasileira de Atualizações em Ciência e Saúde

https://doi.org/10.56161/reac.v2i1.61

TRUE CRIME E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: ENTRE A CONSCIENTIZAÇÃO E O ENTRETENIMENTO

TRUE CRIME AND VIOLENCE AGAINST WOMEN: BETWEEN AWARENESS-RAISING AND ENTERTAINMENT

TRUE CRIME Y VIOLENCIA CONTRA LA MUJER: ENTRE LA CONCIENCIACIÓN Y EL ENTRETENIMIENTO

Isabela Quirino Costa
Diretora Acadêmica e Administrativa do CRESEX (Centro de Referência em Sexualidade)
ORCID iD: 0009-0007-3096-4870

Mônica Lima Souza
Presidente do CRESEX (Centro de Referência em Sexualidade)
ORCID iD: 0009-0000-7351-8052

Rayana Oliveira Ribeiro
Diretora de Comunicação e Eventos do CRESEX (Centro de Referência em Sexualidade)
ORCID iD: 0009-0007-8908-2645

Giovanna Lemes Arantes
Estudante de Psicologia da UNIUBE
ORCID iD: 0009-0006-2654-5289

***Autor correspondente:**

Isabela Quirino Costa
psi.isabelacosta@gmail.com

RESUMO

OBJETIVO: analisar, por meio de revisão narrativa da literatura, se os conteúdos do gênero true crime contribuem para a conscientização sobre a violência contra a mulher ou reforçam sua espetacularização. **MÉTODOS:** revisão narrativa que reuniu produção acadêmica nacional e internacional, além de fontes jornalístico-científicas, organizada em sete eixos temáticos: crescimento do gênero, fascínio social pela violência, tratamento midiático do feminicídio, impactos psicológicos sobre mulheres consumidoras, diferenças individuais no consumo, a tensão entre potencial educativo e banalização, e um estudo de caso ilustrativo.

RESULTADOS: o true crime cresceu de forma acelerada nos últimos anos, com público majoritariamente feminino, e parte relevante desse consumo relaciona-se à identificação com vítimas e à busca por estratégias de autoproteção. A cobertura midiática de feminicídios oscila entre o alerta social e a espetacularização da dor, podendo favorecer tanto efeitos protetores quanto efeitos de imitação (copycat). Do ponto de vista psicológico, o consumo excessivo associa-se a maior ansiedade, hipervigilância e à chamada síndrome do mundo mau, ao passo que o consumo moderado pode funcionar como estratégia de regulação emocional. **CONCLUSÃO:** o true crime não pode ser classificado de forma unívoca como instrumento de conscientização ou espetáculo da violência; seus efeitos dependem de escolhas editoriais, do tratamento dado às vítimas e da postura crítica do público, cabendo à Psicologia e às Ciências Humanas qualificar esse debate.

PALAVRAS-CHAVE: True Crime; Violência contra a Mulher; Feminicídio; Meios de Comunicação; Psicologia.

ABSTRACT

OBJECTIVE: to analyze, through a narrative literature review, whether true crime content contributes to raising awareness about violence against women or reinforces its spectacularization. **METHODS:** a narrative review gathering national and international academic production, as well as scientific-journalistic sources, organized into seven thematic axes: the growth of the genre, social fascination with violence, media treatment of femicide, psychological impacts on female consumers, individual differences in consumption, the tension between educational potential and trivialization, and an illustrative case study. **RESULTS:** true crime has grown rapidly in recent years, with a predominantly female audience, and a relevant part of this consumption relates to identification with victims and the search for self-protection strategies. Media coverage of femicide oscillates between social alert and the spectacularization of pain, which can favor either protective or copycat effects. From a psychological standpoint, excessive consumption is associated with increased anxiety, hypervigilance and the so-called mean world syndrome, while moderate consumption may function as an emotional regulation strategy. **CONCLUSION:** true crime cannot be univocally classified as either an awareness-raising tool or a spectacle of violence; its effects depend on editorial choices, the treatment given to victims, and the audience's critical stance, making it a task for Psychology and the Human Sciences to qualify this debate.

KEYWORDS: True Crime; Violence Against Women; Femicide; Mass Media; Psychology.

RESUMEN

OBJETIVO: analizar, mediante una revisión narrativa de la literatura, si los contenidos del género true crime contribuyen a la concienciación sobre la violencia contra la mujer o refuerzan su espectacularización. **MÉTODOS:** revisión narrativa que reunió producción académica nacional e internacional, además de fuentes periodístico-científicas, organizada en siete ejes temáticos: crecimiento del género, fascinación social por la violencia, tratamiento mediático del feminicidio, impactos psicológicos sobre las mujeres consumidoras, diferencias individuales en el consumo, la tensión entre potencial educativo y banalización, y un estudio de caso ilustrativo. **RESULTADOS:** el true crime ha crecido de forma acelerada en los últimos años, con un público mayoritariamente femenino, y parte relevante de ese consumo se relaciona con la identificación con las víctimas y la búsqueda de estrategias de autoprotección. La cobertura mediática de los feminicidios oscila entre la alerta social y la espectacularización del dolor, pudiendo favorecer tanto efectos protectores como efectos de imitación (copycat). Desde el punto de vista psicológico, el consumo excesivo se asocia a mayor ansiedad, hipervigilancia

y al llamado síndrome del mundo cruel, mientras que el consumo moderado puede funcionar como estrategia de regulación emocional. **CONCLUSIÓN:** el true crime no puede clasificarse de forma unívoca como instrumento de concienciación o espectáculo de la violencia; sus efectos dependen de las decisiones editoriales, del tratamiento dado a las víctimas y de la postura crítica del público, correspondiendo a la Psicología y a las Ciencias Humanas cualificar ese debate.

PALABRAS CLAVE: True Crime; Violencia contra la Mujer; Feminicidio; Medios de Comunicación; Psicología.

1. INTRODUÇÃO

Histórias de crimes reais sempre despertaram curiosidade, mas nunca circularam com a intensidade e o alcance que alcançam na atualidade. Sob o rótulo de true crime, podcasts, documentários, séries de streaming, canais de vídeo e publicações em redes sociais dedicam-se a narrar, investigar e, por vezes, reencenar assassinatos, desaparecimentos e outros crimes violentos. Estudos internacionais indicam que esse público é majoritariamente feminino, chegando a representar até 73% dos ouvintes de podcasts do gênero (Boling & Hull, 2018), achado que motivou pesquisas específicas sobre as razões desse interesse (Vicary & Fraley, 2010). Parte substancial desse conteúdo tem como protagonistas mulheres vítimas de violência de gênero, incluindo casos de feminicídio amplamente noticiados, o que aproxima o fenômeno de uma das maiores violações de direitos humanos em escala global (Devries et al., 2013).

A pergunta que orienta esta revisão é direta, mas não tem resposta simples: os conteúdos true crime contribuem para a conscientização sobre a violência contra a mulher, ou reforçam sua espetacularização? De um lado, parte da literatura destaca que o gênero pode funcionar como ferramenta de autoproteção e como espaço de crítica às falhas do sistema de justiça (Yardley et al., 2019; Boling & Hull, 2018). De outro, pesquisadoras da comunicação e da sociologia de gênero apontam que a cobertura de crimes contra mulheres frequentemente reproduz lógicas sensacionalistas, expõe a intimidade das vítimas e ensina o público a não desenvolver empatia por elas, no que Segato (2016) descreve como uma pedagogia da crueldade.

No Brasil, essa discussão ganha contornos próprios. O catálogo de plataformas de streaming nacionais e internacionais tem se expandido rapidamente com produções que revisitam crimes brasileiros amplamente noticiados, muitos deles envolvendo violência contra mulheres, o que aproxima o público brasileiro de uma tendência já consolidada internacionalmente (Horeck, 2019). Esse movimento ocorre em paralelo ao aumento expressivo dos índices de feminicídio no país nas últimas décadas, o que torna especialmente relevante

compreender se esse tipo de produção contribui para a prevenção da violência de gênero ou se, ao contrário, a naturaliza como espetáculo de consumo midiático. Trata-se, portanto, de uma discussão com implicações diretas para a saúde da mulher, na medida em que a forma como a sociedade processa culturalmente a violência de gênero afeta tanto a busca por ajuda por parte de vítimas quanto o desenvolvimento de políticas públicas de prevenção e cuidado.

Este artigo tem como objetivo mapear, por meio de revisão narrativa da literatura, os principais argumentos e evidências disponíveis sobre a tensão entre conscientização e espetacularização da violência contra a mulher no gênero true crime, organizando-os em sete eixos temáticos: o crescimento do gênero; o fascínio social pela violência; o tratamento midiático do feminicídio; os possíveis impactos psicológicos sobre as mulheres que consomem esse tipo de conteúdo; as diferenças individuais que moldam esse consumo; o equilíbrio entre potencial educativo e risco de banalização; e um estudo de caso que ilustra concretamente essa tensão a partir da cobertura midiática de um crime real.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo teórico, de natureza qualitativa, conduzido por meio de revisão narrativa da literatura, estratégia que permite uma síntese ampla e interpretativa de um tema emergente e interdisciplinar, que atravessa a Psicologia, a Comunicação, o Direito e a Criminologia. Foram consultadas produções acadêmicas nacionais e internacionais — artigos, capítulos de livro, revisões integrativas e dissertações —, bem como reportagens de veículos especializados e entrevistas com pesquisadoras e profissionais da área, sem pretensão de exaustividade ou de aplicação de critérios sistemáticos de inclusão e exclusão, próprios de revisões sistemáticas. Não houve coleta de dados primários nem contato direto com seres humanos, razão pela qual o estudo não demandou submissão a Comitê de Ética em Pesquisa. A discussão foi organizada tematicamente e as citações no texto, bem como a lista de referências, seguem o estilo de formatação da American Psychological Association (APA).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O crescimento do gênero True Crime

O marco fundador do true crime como gênero narrativo remonta a 1966, com a publicação de A sangue frio, de Truman Capote, obra que reconstrói o assassinato de uma família norte-americana e mergulha na mentalidade dos autores do crime (Revista Jornalismo

& Ficção, 2025). Ainda que o gênero exista há décadas, sua popularização massiva é um fenômeno recente, impulsionado pelo streaming, pelos podcasts e pelas redes sociais: levantamentos apontam aumento de 63% na produção de documentários entre 2018 e 2021, com o true crime como subgênero de maior destaque, além de crescimento de 26% no consumo de podcasts de temática criminal no Brasil entre 2022 e 2023 (Rádio Tupi, 2025).

O público desse gênero é majoritariamente feminino. Nos Estados Unidos, mulheres compõem cerca de 73% dos ouvintes de podcasts true crime (Boling & Hull, 2018), e pesquisas indicam que elas ouvem esse tipo de conteúdo em proporção quase duas vezes maior que os homens (Canal Ciências Criminais, 2023; LabJor/FAAP, 2025). No Brasil, o cenário se repete: o maior canal nacional sobre o tema no YouTube tem 87% de audiência feminina, e a plataforma Spotify reúne dezenas de programas brasileiros dedicados ao assunto, a maioria também voltada a esse público (Canal Ciências Criminais, 2023).

Pesquisadoras da área observam ainda uma diferença qualitativa no consumo por gênero: mulheres tendem a se interessar mais por narrativas de assassinatos e crimes violentos contra pessoas, relacionando-se com as vítimas e buscando aprender estratégias de prevenção, enquanto homens se voltam com mais frequência a conteúdos sobre facções criminosas e disputas de poder (Boling & Hull, 2018; Vicary & Fraley, 2010). Essa diferença é interpretada, entre outros fatores, como uma forma de as mulheres processarem simbolicamente o risco de violência ao qual estão mais expostas, já que, estatisticamente, esse risco costuma partir de parceiros ou conhecidos, e não de estranhos — o que reorienta o consumo feminino para narrativas que ensinam a reconhecer sinais de perigo em relações próximas, e não apenas em ameaças externas (Kort-Butler & Hartshorn, 2011).

3.2 O fascínio social pela violência

A atração humana por relatos de crime e morte não é nova; o que mudou foram a escala e a velocidade de circulação desse conteúdo. A curiosidade mórbida é apontada como um dos principais motores do interesse pelo true crime: crimes reais, sobretudo os mais violentos e aparentemente inexplicáveis, desafiam a compreensão do público sobre os limites do comportamento humano e forçam um confronto simbólico com medos e questionamentos morais profundos (Nunan, 2024; Ciência Hoje, 2026).

No campo da Psicologia, esse conceito deixou de ser apenas descritivo e passou a contar com instrumentos de mensuração validados empiricamente. Scrivner (2021) define

curiosidade mórbida como o interesse intrínseco por informações relacionadas a ameaças potencialmente letais e seus desfechos, e desenvolveu uma escala que distingue quatro domínios dessa curiosidade: violência, dano corporal, a mente de indivíduos perigosos e fenômenos paranormais. Sob a perspectiva evolucionista adotada pelo autor, esse traço não representa uma disfunção, mas um mecanismo adaptativo de avaliação de ameaças à distância segura, que teria auxiliado ancestrais humanos a aprender sobre perigos sem se expor diretamente a eles.

Essas narrativas também funcionam como uma espécie de simulador mental, no qual o público analisa sinais de alerta, padrões de comportamento e consequências de atos violentos, em um processo associado à busca por aprendizado sobre o desconhecido (Nunan, 2024). Um elemento central para entender esse fascínio é o peso da autenticidade: diferentemente de obras de ficção, o true crime lida com fatos reais, o que muda a forma como o público se relaciona emocionalmente com a narrativa e intensifica tanto o engajamento quanto os riscos éticos envolvidos, já que há famílias e vítimas reais afetadas por esses relatos. Essa distinção entre conteúdo fictício e não fictício não é meramente formal: pesquisas mostram que apenas programas policiais baseados em casos reais — e não dramas criminais de ficção — associam-se a maior medo do crime e menor confiança no sistema de justiça entre os espectadores, o que reforça a hipótese de que a percepção de realidade do relato intensifica seu impacto psicológico (Kort-Butler & Hartshorn, 2011).

Do ponto de vista teórico, a Teoria do Cultivo, de Gerbner e Gross (1976), oferece um quadro explicativo complementar para esse fascínio: a exposição repetida a conteúdos violentos não apenas entretém, mas molda gradualmente a percepção do público sobre a prevalência da violência no mundo real, fenômeno que será retomado adiante ao se discutir os impactos psicológicos desse consumo.

3.3 Feminicídio e violência de gênero como conteúdo midiático

Quando o objeto do true crime é o feminicídio, a discussão ganha uma camada adicional de complexidade, ligada às estruturas de gênero que sustentam esse tipo de violência. Saffioti (2015) descreve o feminicídio como expressão extrema de um padrão patriarcal de controle sobre o corpo e a vida das mulheres, e não como um episódio isolado de violência interpessoal. Segato (2016), por sua vez, cunhou o conceito de pedagogia da crueldade para descrever como determinadas coberturas midiáticas de feminicídios ensinam a sociedade a não

desenvolver empatia pela vítima, normalizando a brutalidade a partir da repetição de sua exposição.

Análises de casos emblemáticos no Brasil mostram como a cobertura midiática pode reforçar exatamente essa lógica: a investigação sobre a vida privada e sexual da vítima e outros elementos alheios ao crime em si são frequentemente mobilizados para deslegitimar o direito da mulher assassinada à dignidade, deslocando o debate público da violência estrutural para a personalização e a moralização do caso (Revista edUCA, 2026; Conteúdo Jurídico, n.d.). Esse tipo de cobertura tem sido descrito como uma forma de vitimização terciária, na qual a própria sociedade passa a julgar a vítima, muitas vezes eximindo o agressor de parte da reprovação social (Conteúdo Jurídico, n.d.), em consonância com achados internacionais sobre como a exposição midiática a conteúdo sexualizado ou violento pode aumentar a aceitação social da violência contra mulheres (Malamuth & Check, 1981; Burnay et al., 2022).

A literatura também chama atenção para o chamado efeito copycat: estudos nacionais e internacionais indicam que coberturas sensacionalistas de feminicídios podem estimular a imitação por parte de outros agressores. O caso de Wanda Taddei, morta por queimaduras na Argentina em 2010 e amplamente noticiado, é apontado como um episódio em que a ampla divulgação do método do crime coincidiu com aumento expressivo de feminicídios cometidos da mesma forma no país (Conjur & MPDFT, 2025). Em contraposição a esse risco, a mesma literatura aponta a existência de um efeito protetor, no qual coberturas responsáveis, que evitam sensacionalismo e culpabilização da vítima, contribuem para ampliar a conscientização e fortalecer políticas de prevenção (Conjur & MPDFT, 2025; Boletim de Conjuntura BOCA, 2025; Observatório UFT, 2017; Vitis, 2022).

3.4 Possíveis impactos psicológicos nas mulheres

O consumo de true crime também tem sido associado a efeitos psicológicos, nem sempre unidirecionais, sobre o público feminino. Um dos riscos mais discutidos é o desenvolvimento da chamada síndrome do mundo mau, viés cognitivo descrito originalmente por Gerbner e Gross (1976) e posteriormente associado ao consumo de conteúdo criminal: a exposição repetida a relatos de violência leva a pessoa a superestimar a hostilidade e o perigo presentes no mundo real, com maior medo de crimes e desconfiança interpessoal entre consumidores frequentes desse tipo de conteúdo (Kort-Butler & Hartshorn, 2011). No caso de mulheres que já vivenciaram algum tipo de violência, a exposição a narrativas semelhantes às

próprias experiências pode reabrir feridas emocionais, em um processo de retraumatização com sintomas de ansiedade e depressão (Ciência Hoje, 2026).

Um estudo recente conduzido na Universidade de Graz, na Áustria, com amostras de até 571 participantes, ofereceu evidências empíricas mais robustas sobre essa relação. Perchtold-Stefan et al. (2025) confirmaram a diferença de gênero no consumo de true crime em favor das mulheres e identificaram, além da curiosidade mórbida como motivo geral, dois motivos mais específicos: a vigilância defensiva, isto é, o interesse em aprender sobre sinais de perigo e estratégias de proteção, e a busca por excitação. Por meio de análise de componentes principais, as autoras extraíram cinco dimensões psicológicas associadas ao consumo do gênero: afetividade negativa, antagonismo, medo do crime, regulação emocional autofocada e criatividade afetiva — evidenciando que o público de true crime não é psicologicamente homogêneo, e que diferentes perfis de personalidade se relacionam com esse conteúdo por caminhos distintos.

Dentro dessa mesma investigação, observou-se ainda uma relação temporal ambivalente entre consumo de true crime e regulação emocional: em coleta diária ao longo de duas semanas, dias de maior ansiedade antecediam a busca por conteúdos mais violentos, e o consumo desse conteúdo em um dia tendia a se associar a níveis mais baixos de ansiedade no dia seguinte (Perchtold-Stefan et al., 2025). Esse achado sustenta a hipótese de que, para parte do público, o gênero funcionaria como uma espécie de treino controlado para lidar com o medo — uma forma de regulação emocional autofocada —, hipótese também discutida por Watson et al. (2015) ao relacionarem ansiedade de segurança física e experiências de objetificação sexual entre mulheres.

A busca por sentido diante de crimes aparentemente aleatórios também pode ser compreendida à luz da teoria da crença no mundo justo, segundo a qual as pessoas tendem a supor que o mundo é fundamentalmente justo e que vítimas de violência de alguma forma contribuíram para o que lhes aconteceu, mecanismo psicológico que preserva a sensação de controle e previsibilidade sobre o próprio destino (Lerner, 1980). Aplicada ao true crime, essa teoria ajuda a explicar tanto o fascínio do público por detalhes do comportamento das vítimas — por vezes lido como busca por sinais de alerta que, retrospectivamente, poderiam ter sido evitados — quanto o risco de culpabilização indireta das mulheres assassinadas, fenômeno já discutido na seção anterior a propósito da vitimização terciária.

Outro efeito relatado é o aumento da desconfiança em relação a pessoas socialmente percebidas como normais, decorrente da constatação recorrente, nas narrativas consumidas, de que muitos agressores aparentavam ser vizinhos, colegas ou parceiros afáveis antes de cometerem os crimes (Cinema de Buteco, 2026). Para consumidoras que se expõem de forma intensa e prolongada a relatos de violência real — incluindo profissionais que produzem esse tipo de conteúdo —, a literatura sobre trauma vicário descreve o risco de alterações cumulativas na forma como a pessoa percebe a si mesma, os outros e o mundo, em um processo de desgaste psicológico gradual decorrente do contato repetido com o sofrimento alheio, mesmo sem exposição direta ao evento traumático original (McCann & Pearlman, 1990). Do ponto de vista das motivações, o interesse feminino pelo gênero tem sido associado à identificação com as vítimas, à busca por sensação de controle e autoeficácia diante do risco de violência (Vicary & Fraley, 2010; Nunan, 2024), mas o consumo excessivo e pouco crítico tende a intensificar medo, angústia e desconfiança generalizada, sobretudo entre pessoas com maior afetividade negativa de base (Perchtold-Stefan et al., 2025).

Essas evidências têm implicações práticas para a atuação clínica em Psicologia. Diante de pacientes que relatam consumo intenso de true crime, sobretudo mulheres com histórico prévio de violência, pode ser clinicamente relevante investigar o padrão desse consumo — se ele ocorre de forma compulsiva e desorganizada, associado a piora de sintomas ansiosos, ou de forma mais deliberada e associada a alívio subjetivo do medo —, em vez de assumir a priori que se trata de um hábito prejudicial ou de um recurso adaptativo. A heterogeneidade de motivos e perfis identificada pela literatura sugere que intervenções padronizadas de "redução do consumo" podem não ser a resposta mais adequada para todos os casos, sendo mais produtivo ajudar cada paciente a identificar a função psicológica que esse consumo cumpre em sua própria rotina emocional.

3.5 Diferenças individuais no consumo de true crime

Um avanço importante da literatura psicológica recente é reconhecer que nem todas as consumidoras de true crime se relacionam com o gênero da mesma forma, nem pelos mesmos motivos. Enquanto a curiosidade mórbida funciona como motivação geral e comum à maior parte do público, os motivos de vigilância defensiva e de busca por excitação parecem operar de forma relativamente independente, sugerindo a existência de diferentes perfis de consumidoras dentro de um mesmo gênero midiático (Perchtold-Stefan et al., 2025).

Consumidoras com maior pontuação em antagonismo e afetividade negativa tendem a relatar maior interesse por aspectos violentos e pela mente de criminosos, enquanto aquelas com maior tendência à regulação emocional autofocada parecem utilizar o gênero de forma mais deliberada como estratégia de enfrentamento do medo, e não apenas como fonte de entretenimento (Perchtold-Stefan et al., 2025). Essa heterogeneidade tem implicações práticas relevantes: campanhas de conscientização e produções voltadas à prevenção da violência de gênero por meio do true crime provavelmente alcançam públicos distintos de formas distintas, a depender do perfil psicológico predominante entre os espectadores, o que sugere a necessidade de estratégias de comunicação diferenciadas em vez de uma abordagem única para todo o público consumidor do gênero.

3.6 Potencial educativo versus riscos de banalização

A ambivalência observada nos eixos anteriores culmina na principal tensão deste artigo: o true crime como ferramenta de conscientização ou como espetáculo da violência contra a mulher. No polo educativo, a literatura consultada destaca que o gênero contribuiu para popularizar discussões relevantes sobre violência doméstica, feminicídio, perseguição (stalking), abuso psicológico e falhas institucionais na proteção às vítimas, ajudando parte do público a reconhecer sinais de relacionamentos abusivos e dinâmicas de manipulação emocional (Cinema de Buteco, 2026; Yardley et al., 2019). O gênero também pode estimular debate público mais amplo sobre raízes estruturais da violência, como o machismo e o patriarcado, além da eficácia de políticas públicas voltadas à proteção das mulheres (Revista REASE, n.d.).

No polo oposto, a mesma cobertura que educa pode banalizar. Pesquisas sobre a cobertura midiática de feminicídios no Brasil apontam que práticas sensacionalistas, voltadas ao impacto emocional imediato e ao consumo rápido de conteúdo, frequentemente se sobrepõem à análise crítica e ao respeito pela vítima, resultando na espetacularização da dor, na desumanização das mulheres assassinadas e na invisibilização das causas estruturais da violência de gênero (Boletim de Conjuntura BOCA, 2025).

O ponto de equilíbrio entre esses dois polos parece depender menos do gênero true crime em si e mais das escolhas editoriais e éticas de quem o produz, bem como da postura crítica de quem o consome. Coberturas que priorizam a dignidade da vítima, contextualizam o crime dentro de uma análise estrutural da violência de gênero e evitam a exposição desnecessária da intimidade das mulheres assassinadas tendem a se aproximar do polo

educativo (Vitis, 2022; Horeck, 2019); coberturas centradas no choque, no mistério morboso e na dramatização da dor alheia tendem a reforçar a espetacularização (Segato, 2016; Conteúdo Jurídico, n.d.).

3.7 Estudo de caso: o assassinato de Eloá Pimentel e a revisão crítica da cobertura midiática

Um caso emblemático ilustra, de forma concreta, a tensão entre espetacularização e conscientização discutida neste artigo. Em 2008, a adolescente Eloá Cristina Pimentel foi mantida refém por seu ex-namorado, Lindemberg Alves, durante cerca de cem horas em seu próprio apartamento, em um episódio transmitido ao vivo e de forma ininterrupta por diversas emissoras de televisão até culminar em sua morte. Parte expressiva da cobertura da época classificou o episódio como "crime de amor", enquadramento que deslocava o eixo da discussão de uma dinâmica de perseguição, controle e violência de gênero para uma narrativa de paixão e ciúme, contribuindo para a naturalização social da violência contra a mulher (Centro de Crítica da Mídia, 2016).

Oito anos depois, o documentário Quem Matou Eloá?, dirigido por Lívia Perez, revisitou o caso com um objetivo declaradamente inverso ao da cobertura original: em vez de narrar o crime como espetáculo, o filme reúne jornalistas, pesquisadoras e outros especialistas para examinar criticamente como a própria mídia televisiva contribuiu, à época, para a espetacularização do sofrimento da vítima e para a naturalização da violência de gênero sob o verniz do romance trágico (Centro de Crítica da Mídia, 2016). O caso Eloá ilustra, portanto, os dois polos discutidos neste artigo dentro de uma única trajetória midiática: a cobertura original em tempo real, hoje amplamente reconhecida como paradigma de sensacionalismo e revitimização, e a produção posterior, que devolve historicidade e criticidade ao caso, transformando-o em material de reflexão sobre os próprios limites éticos do jornalismo policial. Esse tipo de revisão crítica, na qual a própria produção midiática se torna objeto de escrutínio por trabalhos subsequentes, é apontado como um dos caminhos mais promissores para que o true crime cumpra função pedagógica sem repetir os erros que busca denunciar (Yardley et al., 2019).

O caso Eloá segue sendo utilizado, mais de uma década depois, como referência em discussões sobre ética jornalística e cobertura de crimes violentos contra mulheres no Brasil, o que sugere que sua contribuição não se esgotou no momento de lançamento do documentário (Centro de Crítica da Mídia, 2016). Esse tipo de revisitação crítica de casos emblemáticos tem potencial, inclusive, para compor materiais de formação de futuros jornalistas e comunicadores,

ilustrando de maneira concreta os riscos do sensacionalismo e os caminhos possíveis para uma cobertura mais responsável de crimes contra mulheres — uma aplicação prática que aproxima a discussão acadêmica sobre true crime de intervenções efetivas de prevenção e educação midiática.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão realizada indica que o true crime não pode ser classificado, de forma unívoca, como instrumento de conscientização ou como espetáculo da violência contra a mulher: ele comporta ambas as possibilidades, muitas vezes de forma simultânea dentro de uma mesma produção. O crescimento acelerado do gênero, impulsionado sobretudo pelo público feminino, revela tanto uma legítima necessidade de compreender e se proteger diante de um risco real e desigualmente distribuído entre os gêneros (Vicary & Fraley, 2010; Devries et al., 2013), quanto um mercado editorial que encontrou, na dor alheia, um produto altamente rentável.

Para a Psicologia, esse cenário traz implicações relevantes em pelo menos quatro frentes: a atenção clínica a sintomas de ansiedade, hipervigilância e retraumatização associados ao consumo excessivo desse tipo de conteúdo; o reconhecimento de que diferentes perfis de personalidade se relacionam de formas distintas com o gênero, o que torna pouco produtivo tratar o público consumidor de true crime como um bloco psicologicamente homogêneo; a promoção de letramento midiático e consumo crítico, que permita à audiência distinguir entre narrativas que informam e narrativas que apenas espetacularizam; e a participação no debate público sobre os limites éticos da cobertura de crimes reais, sobretudo quando estes envolvem violência de gênero e feminicídio. O caso Eloá Pimentel mostra que essa distinção não é apenas teórica: uma mesma história pode, em momentos diferentes, ocupar os dois polos discutidos neste artigo, a depender de escolhas editoriaisconcretas. Estudos futuros, de caráter empírico e, preferencialmente, conduzidos no contexto brasileiro, são necessários para mensurar com maior precisão os efeitos psicológicos do consumo de true crime sobre mulheres, bem como para avaliar de que forma diferentes estilos de produção midiática e diferentes perfis de consumidoras influenciam a percepção pública sobre a violência de gênero.

REFERÊNCIAS

Boletim de Conjuntura (BOCA). (2025). A naturalização da violência contra a mulher na mídia: impactos culturais e a reprodução simbólica do feminicídio. Boletim de Conjuntura (BOCA), 24(73), e8029. https://doi.org/10.56238/bocav24n73-007

Boling, K. S., & Hull, K. (2018). Undisclosed information—Serial is my favorite murder: Examining motivations in the true crime podcast audience. Journal of Radio & Audio Media, 25(1), 92–108.

Burnay, J., Kepes, S., & Bushman, B. J. (2022). Effects of violent and sexualized media on aggression-related outcomes: A meta-analytic review. Aggressive Behavior, 48(1), 111–136.

Canal Ciências Criminais. (2023). Crescimento do True Crime no Brasil: por que as mulheres lideram essa tendência? Canal Ciências Criminais. https://canalcienciascriminais.com.br/crescimento-do-true-crime-no-brasil-por-que-as-mulheres-lideram-essa-tendencia/

Centro de Crítica da Mídia (PUC Minas). (2016). "Quem matou Eloá?": feminicídio e violência midiática. Centro de Crítica da Mídia. https://blogfca.pucminas.br/ccm/quem-matou-eloa-feminicidio-e-violencia-midiatica/

Ciência Hoje. (2026). Crimes reais em foco: o fascínio pelo obscuro. Ciência Hoje. https://cienciahoje.org.br/artigo/crimes-reais-em-foco-o-fascinio-pelo-obscuro/

Cinema de Buteco. (2026). O efeito true crime: como maratonar assassinatos transformou a forma como mulheres enxergam o mundo. Cinema de Buteco. https://www.cinemadebuteco.com.br/colunas/conversas-buteco/o-efeito-true-crime-como-maratonar-assassinatos-transformou-a-forma-como-mulheres-enxergam-o-mundo/

Conjur & MPDFT. (2025). Imprensa tem papel importante no enfrentamento do feminicídio. Conjur. https://www.conjur.com.br/2025-dez-02/o-papel-da-imprensa-no-enfrentamento-ao-feminicidio-responsabilidade-e-o-risco-do-efeito-copycat/

Conteúdo Jurídico. (n.d.). "Em cartaz - a invisibilização da mulher": o paradoxo da espetacularização midiática do feminicídio no Brasil. Conteúdo Jurídico. https://conteudojuridico.com.br/consulta/artigos/58396/

Devries, K. M., Mak, J. Y., García-Moreno, C., Petzold, M., Child, J. C., Falder, G., Lim, S., Bacchus, L. J., Engell, R. E., Rosenfeld, L., Pallitto, C., Vos, T., Abrahams, N., & Watts, C. H. (2013). The global prevalence of intimate partner violence against women. Science, 340(6140), 1527–1528.

Gerbner, G., & Gross, L. (1976). Living with television: The violence profile. Journal of Communication, 26(2), 173–199.

Horeck, T. (2019). Justice on demand: True crime in the digital streaming era. Wayne State University Press.

Kort-Butler, L. A., & Hartshorn, K. J. S. (2011). Watching the detectives: Crime programming, fear of crime, and attitudes about the criminal justice system. The Sociological Quarterly, 52(1), 36–55.

Lerner, M. J. (1980). The belief in a just world: A fundamental delusion. Plenum Press.

Malamuth, N. M., & Check, J. V. P. (1981). The effects of mass media exposure on acceptance of violence against women: A field experiment. Journal of Research in Personality, 15(4), 436–446.

McCann, I. L., & Pearlman, L. A. (1990). Vicarious traumatization: A framework for understanding the psychological effects of working with victims. Journal of Traumatic Stress, 3(1), 131–149.

Nunan, A. (2024). O fascínio pelo True Crime: uma análise psicológica. https://adriananunan.com.br/psicologia-clinica/o-fascinio-pelo-true-crime-uma-analise-psicologica/

Observatório (UFT). (2017). Feminicídios na mídia e desumanização das mulheres. Observatório: Revista de Estudos sobre Mídia. https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4249

Perchtold-Stefan, C., Rominger, C., Ceh, S., Sattler, K., Veit, S.-V., & Fink, A. (2025). Out of the dark – Psychological perspectives on people's fascination with true crime. British Journal of Psychology, 117(3), 880–909. https://doi.org/10.1111/bjop.70038

Rádio Tupi. (2025). True crime cresce sem parar e o motivo vai além do entretenimento. Rádio Tupi. https://www.tupi.fm/entretenimento/true-crime-cresce-sem-parar-e-o-motivo-vai-alem-do-entretenimento/

Revista edUCA. (2026). Misoginia, mídia e psicanálise: o caso Daniella Peres - revisão integrativa da literatura sobre violência simbólica, espetacularização e feminicídio. Revista edUCA. https://revistaeduca.com.br/index.php/EDUCA/article/view/313

Revista Jornalismo & Ficção (UEL). (2025). O fascínio (e a ascensão) do true crime como gênero literário. https://sites.uel.br/jornalismoeficcao/jornalismo/2025/09/26/o-fascinio-e-a-ascensao-do-true-crime-como-genero-literario/

Revista REASE. (n.d.). O potencial educativo e preventivo do true crime na conscientização social. Revista REASE. https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/22621/14090/66144

Saffioti, H. I. B. (2015). Gênero, patriarcado e violência (2a ed.). Expressão Popular.

Scrivner, C. (2021). The psychology of morbid curiosity: Development and initial validation of the Morbid Curiosity Scale. Personality and Individual Differences.

Segato, R. L. (2016). La guerra contra las mujeres. Traficantes de Sueños.

Vicary, A. M., & Fraley, R. C. (2010). Captured by true crime: Why are women drawn to tales of rape, murder, and serial killers? Social Psychological and Personality Science, 1(1), 81–86.

Vitis, L. (2022). Violence against women in true crime podcasts. In A. Gibbs & F. Gilmour (Eds.), Women, crime and justice in context: Contemporary perspectives in feminist criminology from Australia and New Zealand (pp. 102–118). Routledge.

Watson, L. B., Marszalek, J. M., Dispenza, F., & Davids, C. M. (2015). Understanding the relationships among White and African American women's sexual objectification experiences, physical safety anxiety, and psychological distress. Sex Roles, 72, 91–104.

Yardley, E., Kelly, E., & Robinson-Edwards, S. (2019). Forever trapped in the imaginary of late capitalism? The serialized true crime podcast as a wake-up call in times of criminological slumber. International Journal for Crime, Justice and Social Democracy, 8(1), 129